

3 Metodologia

Neste capítulo será explicado em profundidade o método utilizado nesta pesquisa. A fim de cumprir com tal objetivo, será classificado o tipo de pesquisa realizado, serão descritos o universo e a seleção da amostra, o método de coleta de dados empregado, a formulação das hipóteses - de acordo com as variáveis demográficas – e o tratamento estatístico dos dados.

3.1. Tipo de pesquisa

De acordo com a tipologia postulada por Creswell (2009), esta dissertação pode ser caracterizada como um estudo quantitativo, que se utilizará de uma estratégia de pesquisa de levantamento, uma vez que intenta descrever quantitativamente a questão do medo de errar no ambiente de trabalho sob variáveis demográficas específicas, através do uso de questionário, a fim de propor uma generalização, a partir de uma amostra para uma população (BABBIE, 1990 apud. CRESWELL, 2009).

De acordo com Gil (2002), esta pesquisa também pode ser classificada como de caráter exploratório, já que objetiva também proporcionar maior familiaridade com a temática em questão – o medo de errar no ambiente de trabalho.

3.2. Universo e amostra

Vergara (2004) afirma que o universo de uma pesquisa trata do conjunto de elementos que possuem as características do objeto de estudo sobre o qual o pesquisador investiga. Dessa maneira, o universo desta pesquisa engloba todos os indivíduos que ao menos uma vez já tenham sido participantes de um ambiente organizacional, independentemente de idade, gênero, posição hierárquica, se autônomo/empreendedor, funcionário público, ou de empresa privada, empregado, ou não. Ainda de acordo com o autor, a escolha e seleção

da amostra deste estudo – estudantes de pós-graduação *lato sensu* de cursos de Administração de Empresas ocorreu de maneira não probabilística e obedeceu ao critério da acessibilidade. No total, foram respondidos 77 questionários.

3.3. Coleta de dados

Aos 77 alunos dos cursos de pós-graduação *lato sensu* em Administração de Empresas foi distribuída presencialmente uma versão traduzida para o português do questionário PFAI, a fim de obter os índices do medo de errar. No verso deste documento, deveriam ser preenchidas as informações demográficas às quais os índices aferidos pelo questionário seriam relacionados. O preenchimento do questionário e das informações demográficas se deu após uma breve explicação sobre a proposta da pesquisa e da forma correta de preenchimento do documento, tomando como referência a experiência dos respondentes no ambiente organizacional. As informações coletadas foram tabuladas e tratadas estatisticamente no software SPSS v. 18.0.

3.4. Modelo conceitual da pesquisa

Como foi explicado anteriormente no capítulo sobre o Referencial Teórico desta pesquisa, o conceito de medo de errar definido por Conroy (2002) e do questionário PFAI deriva-se do conceito postulado por Birney et. al. (1969). O sentimento do medo de errar – antes com três – foi decomposto em cinco dimensões.

São elas:

- 1- Vergonha e constrangimento
- 2- Desvalorização da autoestima
- 3- Incerteza sobre o futuro
- 4- Perda de interesse de semelhantes de importância
- 5- Afetar negativamente semelhantes de importância

A fim de mensurar tal sentimento, o questionário PFAI foi criado. A versão do questionário PFAI utilizada nesta pesquisa – em anexo – possui 25 itens (CONROY, 2002). Tratam-se de afirmativas às quais os respondentes devem indicar numa escala Likert de cinco pontos – com valores estabelecidos entre (-2) e (+2), onde o primeiro indica total discordância com a afirmação e o segundo, total concordância. O valor (0) denota indiferença e os valores (-1) e (+1) são pontos intermediários para a discordância e concordância, respectivamente.

A cada uma das dimensões foram direcionadas uma quantidade específica de questões, conforme a tabela abaixo:

Dimensão	Quantidade de questões	Número das questões
Vergonha e constrangimento	7 questões	10, 15, 18, 20, 22, 24 e 25
Desvalorização da autoestima	4 questões	1, 4, 7 e 16
Incerteza sobre o futuro	4 questões	2, 5, 8 e 12
Perda de interesse de semelhantes de importância	5 questões	11, 13, 17, 21 e 23(reversa)
Afetar negativamente semelhantes de importância	5 questões	3, 6, 9, 14 e 19

Tabela 1 – Dimensão e questões relacionadas
Fonte: Conroy (2002)

Vale chamar atenção para a questão “23” que terão computados seus escores em reverso, conforme orienta o autor do instrumento.

O cálculo do índice geral do medo de errar é obtido através da média das respostas dos 25 itens do questionário PFAI. E quanto às dimensões, o índice se obtém através da média das respostas às perguntas correspondentes.

Tais índices em mãos, serão relacionados às variáveis demográficas, a fim de testar hipóteses sobre as relações de uns com as outras.

3.5. Hipóteses

Creswell (2009) afirma que a formulação de hipóteses em pesquisas quantitativas serve para moldar e focar especificamente o objetivo de estudo. Tratam-se de previsões que o pesquisador faz sobre a relação entre as variáveis do trabalho científico – no caso, os índices de medo de errar aferidos pelo PFAI e as variáveis demográficas.

As hipóteses estabelecidas nesta dissertação fazem referência a revisão bibliográfica feita acerca das variáveis demográficas que serão levadas em consideração. Quanto ao medo de errar, levando em conta o contexto no qual ele será analisado – o ambiente organizacional – não foram encontradas referências teóricas que pudessem embasar alguma hipótese. Dessa forma, na maioria das variáveis, foram formuladas hipóteses não direcionais (CRESWELL, 2009), onde pretendem-se realizar previsões, mas sem dar uma forma exata às diferenças que podem ser identificadas. Tais fatos ratificam o caráter exploratório desta pesquisa.

3.5.1. Quanto à idade

A fim de relacionar o medo de errar (CONROY, 2002) com a variável demográfica de idade, os indivíduos da amostra serão divididos em coortes (GLENN, 2005). Dentre a amostra selecionada, é possível utilizar a tipologia postulada por Motta et al. (2002) para classificar 3 coortes, de acordo com o contexto brasileiro:

- “Otimismo” – (Indivíduos com idades entre 45 e 57 anos)
- “Anos de Ferro” – (Indivíduos com idades entre 33 e 44 anos)
- “Década Perdida” – (Indivíduos com idades entre 21 e 32 anos)

A hipótese referente à variável de idade será estabelecida sobre a perspectiva defendida por Motta et al. (2002) ao afirmar que indivíduos de uma mesma faixa etária, muito possivelmente possuem características comuns, oriundas justamente do conteúdo cognitivo acumulado e das experiências que compartilharam desde o nascimento. Sendo assim, a hipótese que relaciona o medo de errar à variável etária é:

H1: Os índices do medo de errar variam de acordo com as diferentes faixas etárias dos indivíduos no ambiente organizacional.

3.5.2.

Quanto ao gênero

A hipótese estabelecida sobre a variável demográfica do gênero está em linha com a corrente de autores que afirmam ser diferente a percepção do ambiente organizacional, de acordo com o sexo, tal como Bardage, Artech e Silva (2005) e Abu-Saad e Isralowitz (1997), por exemplo. Dessa forma, a hipótese que relaciona o medo de errar com a variável do gênero é:

H2: Os índices do medo de errar variam de acordo com o gênero dos indivíduos no ambiente organizacional.

3.5.3.

Quanto ao status profissional

Em vista dos distintos significados que resultam do fato de estar ou não empregado para o indivíduo, como defendem autores como Lima e Gomes (2010) e Giatti e Barreto (2010), é possível formular a hipótese de que:

H3: Os índices do medo de errar variam de acordo com o status profissional do indivíduo.

3.5.4.

Quanto ao tipo de vínculo profissional

Quanto à esta variável, o contexto específico do servidor público brasileiro ressaltado por Pires e Macêdo (2006) e Pereira (1996) possibilitam a formulação de uma hipótese direcional (CRESWELL, 2009):

H4: Servidores públicos brasileiros apresentam menores índices de medo de errar do que indivíduos com outro tipo de vínculo profissional.

3.5.5.

Quanto ao nível hierárquico

Trabalhos acadêmicos dão destaque à existência do sistema hierárquico nas organizações (CRAWFORD e MILLS, 2011) e Blacker (1992), por exemplo, ressalta a diferença na atribuição de atividades de gestão estratégia aos indivíduos pertencentes aos níveis hierárquicos mais elevados. Com base nisso, é possível supor que:

H5: Os índices do medo de errar variam de acordo com o nível hierárquico do indivíduo no ambiente organizacional.

3.6. Tratamento estatístico

A fim de traçar o perfil da amostra de alunos de pós-graduação em Administração de Empresas selecionado, os dados tabulados serão tratados com técnicas de estatística descritiva para aferir frequências, médias e desvios padrões.

Quanto aos dados coletados através do PFAI, de início, será realizado um teste de consistência da versão do questionário utilizada nesta pesquisa. De acordo com Fischer (2002), o Alfa de Crombach é uma medida de consistência interna que possibilita a verificação da percepção dos respondentes do questionário. Através dele, pode-se constatar se todos os itens que o compõem foram compreendidos e se tais dados são confiáveis. O valor mínimo do Alfa de Crombach que indica uma consistência interna satisfatória é 0,55.

As hipóteses estabelecidas para esse estudo serão testadas através de resultados do método estatístico de análise de variância (ANOVA). Tal procedimento será realizado dentro de um nível de confiança de 95%.

De acordo com McClave (2001), são requisitos para o método ANOVA: a normalidade da distribuição da amostra, homocedacidade e aleatoriedade e independência dos erros. A fim de aferir a normalidade da distribuição dos índices do medo de errar será realizado o teste não-paramétrico Kolmogorof-Smirnov. Uma vez confirmada a normalidade, deve-se estar atento à homogeneidade da variância dos dados. Para isso, todo *output* eletrônico fornecido pelo SPSS para as ANOVAS serão acompanhados do Teste de Levene, que identifica tal característica (MCCLAVE, 2001).

3.7. Limitações do método

Na primeira versão do PFAI (Conroy, 2001), Conroy já alertava para um possível enviesamento de respostas que poderia ser observado em sua aplicação. De acordo com o autor, os respondentes tenderiam a dar as suas respostas com base no que elas julgariam ser um comportamento correto frente ao medo, em vez de responderem da maneira com a qual de fato reagiriam frente às situações descritas no questionário. Esse viés geraria o fenômeno do “falso baixo”, referente a índices de medo de errar baixos. A fim de fugir a tal enviesamento, o autor orienta uma explicação sobre o conceito do medo de errar e sobre a forma correta de preencher o questionário PFAI à amostra selecionada, antes da coleta dos dados.